

Número da fita: 0063

Título: Paisagem do mar de Angra dos Reis e papo dos historiadores

Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00:14	01:13	Close em Hebe e Martha e na paisagem da Ilha.	Conversa sobre a metodologia a ser empregada no segundo momento da conversa.			Por se tratar de temas que não se referem diretamente à memória, mas sim a história, não adotei as siglas: MT, MA, etc..
01:14	01:31	Enquadramento geral dos historiadores e close em Mathias, Martha e Slenes. Paisagem ao fundo.	Idem			
01:35	02:51	Close em Mathias e Slenes.	Mathias pergunta a Slenes sobre a diferença no interior da África, mas especificamente em Angola. E dos grupos de africanos que pra cá vieram.	África e Tráfico		

02:52	06:24	<p>Close em Slenes. Passagem do mar para o rosto do historiador. Tomada a partir do céu azul, descendo em direção aos historiadores. Novamente close em Slenes.</p>	<p>Slenes explica que enfatiza as semelhanças para ir contra a corrente que afirma somente a diferença entre as “tribos” de africanos que vieram no tráfico. Analisa a distinção dos moçambicanos no tráfico negreiro. Diz que após 1830 o tráfico está entrando no interior da África Oriental. Aposta que no Rio de Janeiro seria possível manter uma etnicidade mapua, por exemplo, o que acha complicado para as comunidades de fazenda. Aposta numa negociação no interior das fazendas, dizendo também que as taxas de alforria eram maiores em pequenas propriedades do que nas grandes - comunidades bastante fechadas.</p>	<p>Tráfico de escravos África</p>		
-------	-------	---	---	---------------------------------------	--	--

06:25	06:50	Enquadramento de Hebe e Slenes. Paisagem ao fundo.	Hebe frisa que a população do Vale do Paraíba foi, em uma determinada época, majoritariamente escrava e africana.	Tráfico de escravos África		
06:52	07:42	Idem. Posteriormente close em Slenes.	Slenes fala sobre a matriz cultural da senzala no Vale do Paraíba, pós 1810. Afirma vir da África Central-Occidental, das regiões mais próximas da costa. “Mesmo quando o tráfico chega no centro do continente, as regiões da costa atlântica já se transformaram em sociedades escravistas”. “Há um envio significativo de gente dessas regiões para a América”			
07:43	07:54	Enquadramento de Hebe e Slenes. Paisagem ao fundo.	Hebe intervém perguntando se os antigos escravos da costa africana eram filhos de antigos escravos do Reino do Congo, Angola e Benguela.	África		

07:51	09:12	Idem. Close em Slenes. Passagem do mar em direção a Slenes.	Falam desses herdeiros do Reino do Congo e etc, como mediadores culturais com os escravos da costa. Fala dos comboios dos escravos do interior para a costa africana.	África e Tráfico de escravos		
09:13	10:09	Close em Hebe	Hebe comenta a importância da língua para o desenvolvimento do tráfico, principalmente na margem brasileira do atlântico.	Tráfico de escravos		
10:11	10:29	Close em Slenes e Mathias.	“Principalmente eles (os escravos) conversam entre si”. Mathias: “sem falar que a maioria deles (escravos) já falavam mais de uma língua e isso facilita a comunicação”	Escravidão e África.		

10:30	12:50	Close em Slenes, com algumas alternâncias.	Slenes afirma ter esse registro no jongo a partir de Stein . Slenes cita um jongo recolhido por Stein em entrevistas com ex- escravos, que seria cantado quando o sr. ou o feitor chegava próximo ao grupo de escravos que estavam na lavoura. Segundo Stein, os escravos diziam “N`goma vem...” Explica o significado dessa expressão.. Num outro depoimento recolhido por Maria L. Borges Ribeiro, nessa mesma situação os ex-escravos diziam: “Cumbi virou”. Explica a origem da palavra. Conclui que essas palavras eram entendidas dentro da senzala de forma geral, por conta da presença significativa de escravos de uma origem comum.	MA e JO.		
-------	-------	--	--	----------------	--	--

12:51	14:00	Close na Martha, com alternâncias nas paisagens.	Martha questiona Slenes sobre o aprendizado rápido do português e a permanência de algumas palavras africanas no vocabulário brasileiro.			
-------	-------	--	--	--	--	--

14:03	17:25	Close em Slenes, com algumas alternâncias.	<p>Slenes diz que durante toda a primeira metade do século XIX numa grande fazenda, era comum que 90% dos homens adultos fossem africanos e talvez 2/3 das mulheres.</p> <p>Afirma ser uma população majoritariamente africana.</p> <p>Calculou que para o Sudeste, 50 % da pop. africana teria chegado nos últimos 12 anos de tráfico.</p> <p>Assim, observa que era uma pop. que se renovava constantemente.</p> <p>Afirma também que havia grupos grandes, como os bacongos, que falam entre si sua língua dentro da senzala. Além de uma língua genérica, instrumental, usada para o tráfico na África. Diz, por último, que fazendas do Vale do Paraíba são grandes para o padrão brasileiro.</p> <p>Hebe confirma que⁷ uma grande fazenda teria 50/</p>			
-------	-------	--	--	--	--	--

			brasileiro, variando entre 50 e 60 escravos, segundo Hebe.			
17:26	17:40	Close em Martha.	Martha traz a conversa para as festas no interior dessas comunidades de fazenda.			
17:41	19:16	Close em Slenes.	Slenes o capítulo sobre jongo de Stein. Fala de um viajante que observa a religiosidade dos escravos mas não analisa. Stein insiste nas raízes africanas da religiosidade.			
19:17	20:15	Close em Hebe.	Hebe analisa a predominância demográfica africana no Vale do Paraíba, principalmente nas grandes fazendas. O que para ela explicaria a marca africana nas expressões culturais dessa escravaria.			

20:16	22:52	Close em Slenes, com alternâncias.	<p>Slenes fala das palavras africanas no vocabulário brasileiro. Por ex: camundongo; carimbo (instrumento usado para queimar a pele dos escravos). No século XIX, essas influências eram muito mais fortes, segundo o estudo de Macedo Soares. Analisa algumas palavras presentes no Vale do Paraíba nessa época, como por exemplo, Curiá (comer); unjana (sr. de escravos). Slenes afirma que essa presença de palavras de origem bantu era muito maior no passado, principalmente nas senzalas.</p>	Escravidão		
22:53	23:12	Close em Hebe	<p>Hebe comenta sobre um estudo que reflete o temor de se ter uma língua “lusso-africana”</p>			

23:13	23:24	Close em Slenes.	Fala de parlamentares que nos anos 1840 do XIX, dizem que as influências africanas estariam estragando o português;			
23:25	23:53	Close em Hebe. E uma tomada pegando o céu azul e descendo em direção aos historiadores	Hebe pede para Slenes explicar as palavras que se relacionam aos instrumentos do jongo: Candongueiro, Puíta...	JO		
23:54	26:27	Close em Slenes. E alternância para Mathias.	Diz que o tambor do jongo é muito comum em Angola e na República do Congo. “Ou seja, é o padrão d tambor da África ocidental” Registra que a Puíta é difundida e tem o mesmo nome na África. Fala também da palavra Candongueiro.	JO		
26:28	26:30	Close em Hebe.	Hebe pergunta: “E a palavra jongo ?”	JO		
26:31	27:58	Close em Slenes	Definição de jongo, segundo interpretação da semântica africana.	JO	Definição fantástica de jongo! Sintetiza a manifestação partir da semântica africana.	

27:59	28:30	Tomada do céu, pegando o mar e os historiadores.	Comentários sobre a última fala de Slenes.			
28:32	30:10	Baía de Ilha Grande. E ilha de Cunhambebe	Martha explicando o desembarque. Enfatizando a proximidade com a Fazenda de Santa Rita do Bracuí. Aponta a Ilha de Cunhambebe, relacionando com a história de um desembarque contada por Manoel Moraes.	MT		
30:11	31:24	Ilha de Cunhambebe e baía da ilha grande.	Sem áudio			
31:25	32:45	Baía em direção ao mar aberto.	Martha comentando a proximidade com o oceano. Martha explica um pouco a nossa localização na Baía.	MT		
32:46	37:59	Filmagem do mapa da baía de ilha grande pintado num restaurante no Frade.	Sem áudio.			
38:00	41:28	Filmagem da fazenda Grataú	Sem áudio.			

Legenda dos temas	Equipe de decupagem
Jongo – JO Memória do tráfico – MT Quilombo – QL Calango – CA Memória da África – MA Memória da escravidão – ME Folia de Reis – FR Campesinato Negro – CN Fazendas – FA	Camila Marques Camila Mendonça Edmilson Santos Eric Brasil Luana Oliveira Luciana Leonardo Matheus Serva Thiago Campos